

José Antonio Kast toma posse no Chile prometendo moderação

Gabriel Boric deixa a presidência do país após quatro anos com legado ambíguo

Gabriel Boric chegou ao poder no Chile prometendo que, se o país um dia havia sido o berço do neoliberalismo, também seria o seu túmulo. Quatro anos depois, após a esquerda no país sofrer uma ampla derrota para José Antonio Kast, o presidente mais jovem da história chilena deixa o cargo com um legado ambíguo.

Com origem no movimento estudantil, o político deixou a Presidência nesta quarta-feira (11) com uma aprovação na casa dos 30%, alguns avanços sociais e trabalhistas e sem ter resolvido a principal preocupação dos chilenos: o aumento da criminalidade.

O esquerdista herdou uma crise social, econômica e política complicada, e a grande derrota do governo foi a rejeição de uma proposta de mudança da Constituição que era a base de seu programa. Isso o levou a demitir aliados e buscar apoio na centro-esquerda tradicional.

O governo da Frente Ampla também amargou a rejeição de uma reforma tributária, embora tenha conseguido aprovar a redução da jornada de trabalho e o aumento do salário mínimo.

Além de um cenário político interno polarizado, com crescimento de candidaturas de ultradireita, Boric enfrentou resistência na própria esquerda chilena, que considera suas posições tibias.

No exterior, parte de seu reconhecimento veio após críticas a regimes autoritários na América Latina e por suas tentativas de construir uma coalizão com a oposição.

Para Mauro Basaure, professor de sociologia da Universidade Andrés Bello de Santiago, o governo de Boric inevitavelmente será lem-



José Antonio Kast assumiu a presidência do Chile nesta quarta-feira (11)

brado com ambivalência — não foi um mandato de transformações estruturais profundas, mas também longe de ser um fracasso completo.

“Será lembrado como o governo que encerrou o ciclo político aberto pelos protestos sociais de 2019 e que teve de governar em condições muito diferentes daquelas que deram origem ao seu programa: derrota constitucional, crise de segurança, desaceleração econômica e um Congresso fragmentado”, diz.

Aos desafios estruturais da política chilena, em que direita e esquerda se revezam no poder desde 2011, se somaram erros típicos de um governo de inexperientes, uma geração que chegou ao poder muito rapidamente e teve que aprender a governar na prática.

Nesse contexto, o governo esquerdista acabou por se desviar de uma ambição transformadora para um reformismo mais pragmático.

Segundo Basaure, Boric poderia voltar a ser uma figura relevante na esquerda, até mesmo se candidando novamente à Presidência — no Chile, um presidente não pode pleitear mandatos consecutivos, mas é liberado para tentar o cargo novamente, como fizeram Michelle Bachelet e Sebastián Piñera.

Após um desentendimento em que Kast encerrou o processo de transição e acusou Boric de não compartilhar informações com a sua equipe, os dois políticos voltaram a se reunir e prometeram uma cerimônia sem atritos entre esquerda e direita nesta quarta, em Valparaíso.

O evento marcaria o pragmatismo para além das fronteiras do Chile, com a possibilidade de encontro entre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e seu provável principal adversário nas eleições brasileiras, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ). O petista, entretanto, can-

celou na terça (10) sua presença na posse de Kast. O Brasil foi representado pelo chanceler Mauro Vieira.

Os próximos quatro anos de Kast devem tentar começar com um tom moderado, mas governando sob a lógica de um “governo de emergência”, que foi o slogan de sua campanha: ordem, segurança, migração e autoridade, lembra Basaure.

“Essa estrutura permitiria que ele endurecesse as políticas sem abandonar completamente a retórica moderada de sua campanha. O problema é que ele enfrentaria pressão constante da direita, especialmente do Partido Nacional Libertário, do ultradireitista Johannes Kaiser, que disputariam seus eleitores mais radicais e o pressionariam a se radicalizar para não parecer fraco.”

Kast, que havia sido derrotado por Boric nas eleições anteriores, em 2025, venceu a governista Jean-

nette Jara ao moderar seu discurso, evitando temas sensíveis, como seu apoio à ditadura de Augusto Pinochet (1973-1990).

Os analistas sugerem que, em vez de um retorno do regime de Pinochet, Poderia haver uma consolidação do pinochetismo como uma cultura política. Isso serviria para resgatar a memória, legitimar um regime autoritário e normalizar uma direita mais radical, em comparação com a que se estabeleceu nas últimas décadas como contrária à ditadura.

Um dos lemas de campanha de Kast, a deportação em massa de imigrantes em situação irregular e que atingiria especialmente venezuelanos que vivem no país, poderia ser moderado após a prisão de Nicolás Maduro, em janeiro deste ano.

“O mais provável é uma repressão seletiva, sob a lógica de um governo de emergência: maior controle de fronteiras, expulsões direcionadas e pressão administrativa. No segundo turno das eleições, Kast já havia moderado sua promessa, disse que não expulsaria imigrantes, mas que buscava saídas voluntárias”, afirma Basaure.

Na política externa, o relacionamento de Kast com o presidente americano, Donald Trump, e com o argentino Javier Milei pode melhorar, especialmente em temas de segurança e migração, ainda que não se espere um alinhamento incondicional aos Estados Unidos, como o de Milei.

Já com Lula, a relação tende a ser mais pragmática, com projetos de cooperação entre os dois países, em setores como a mineração, apesar das diferenças ideológicas.

Por Douglas Gavras (Folhapress)

Coreia do Norte reconhece novo líder supremo do Irã

A Coreia do Norte oficializou nesta terça-feira (10) seu apoio à nova liderança do Irã, Mojtaba Khamenei, e reafirmou a soberania do país frente a guerra iniciada pelo ataque coordenado entre Estados Unidos e Israel.

“Em relação ao recente anúncio oficial de que a Assembleia de Especialistas do Irã elegeu o novo líder da Revolução Islâmica, respeitamos os direitos e a escolha do povo iraniano de eleger seu líder supremo”, teria dito um porta-voz do Ministério das Relações Exteriores de Pyongyang, segundo a agência estatal KCNA.

O regime de Kim Jong-un também acusou os EUA e seus aliados de “intervenção indesejável” nos

assuntos internos iranianos, classificando as críticas ao processo eleitoral como uma tentativa de desestabilização regional.

A ascensão do novo líder iraniano, cujo nome surge após processo de seleção pela Assembleia de Especialistas, ocorre após a morte de seu pai, Ali Khamenei, durante o ataque americano e israelense no final de fevereiro.

“Expressamos séria preocupação e denunciamos veementemente os atos de agressão dos EUA e de Israel, que estão destruindo as bases da paz e da segurança regionais e escalando a instabilidade mundial ao montar ataques militares ilegais contra o Irã”, teria afirmado a jorna-

listas o porta-voz norte-coreano.

O falecimento de Ali Khamenei levantou questionamentos em Washington e Tel Aviv sobre a estabilidade do regime teocrático, com o presidente americano, Donald Trump, afirmando que Mojtaba não duraria muito sem o aval de Washington.

“Se ele não tiver nossa aprovação, não vai durar muito”, disse Trump em entrevista à ABC News.

Para a ditadura norte-coreana, o reconhecimento célere da nova liderança iraniana é uma forma de afirmação de soberania, uma vez que o país, assim como o Irã, enfrenta pressão dos americanos pela desnuclearização.



Kim Jong-un aproveitou o momento para criticar os EUA

Em ocasiões anteriores, o ditador já havia dito, segundo a KCNA, que o assunto estava fora da mesa de negociação.

Teerã e Pyongyang têm laços próximos não apenas pela retórica antiamericana, mas também por

uma cooperação prática que, segundo relatórios da ONU e análises especializadas, incluiu intercâmbio e assistência ligados à tecnologia de mísseis.

Por Victoria Damasceno (Folhapress)